

Entre leitoras e produtores: representações da mulher numa revista feminina popular

Ana Teles da Silva

Mestre em Antropologia Social - Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional/UFRJ

anateles@conncetion.com.br

Resumo

As revistas femininas têm sido estudadas como forma de se depreender representações de gênero. Mas, como são construídas estas representações? Até que ponto elas são formadas numa interação entre seus “consumidores” e “produtores”? Este artigo pretende discutir o papel de leitores e produtores de uma revista feminina popular na construção de imagens femininas veiculadas na revista. Os conteúdos das seções da revista, os depoimentos de leitoras e redatores e as cartas de leitoras revelam o pertencimento a diferentes segmentos sociais destes atores e seus respectivos papéis na construção de representações de gênero presentes na revista.

Palavras chave

Gênero; Mídia; Cultura Popular.

Abstract

Women's' magazines have been studied as a means of perceiving gender representations. But how are these representations created? Could these be created in an interactive process between “consumers” and “producers”? This paper will discuss the role of readers and producers of a women's' popular magazine in the construction of feminine images transmitted in the magazine. The contents of the magazine, interviews with readers and producers, and readers' letters reveal the belonging to different social segments of these actors and their respective roles in the construction of gender representations in the magazine.

Key words

Gender; Media; Popular culture

Neste artigo pretendo discutir quais são e de que forma são criadas representações sobre a mulher numa revista feminina popular.

Muitos estudos sobre revistas femininas têm sido feitos com o intuito de apreender da análise do conteúdo destas revistas representações a respeito de papéis de gênero. A ênfase é assim posta na percepção da forma em que aparecem nestas revistas as relações homem/mulher, o trabalho feminino e outros assuntos que podem denotar um certo tipo de imagem de gênero. Em geral, estes estudos adotam uma perspectiva da Escola de Frankfurt, nos quais os consumidores seriam indivíduos passivos diante da indústria cultural. As revistas femininas seriam veiculadoras de valores conservadores e contribuiriam para a manutenção do *status quo* na medida em que as leitoras receberiam tais valores de forma não crítica. É importante ressaltar, no entanto, que nem todos os estudos que privilegiam a análise de conteúdo consideram o leitor como um ator passivo no processo de recepção. Pode-se dizer que uma das contribuições da antropologia para os estudos da mídia foi justamente o de demonstrar, por meio de etnografias, que o público consumidor não é um receptor passivo da indústria cultural.ⁱ O que esses estudos etnográficos permitiram ver foi o fato de que a recepção da mídia é sempre mediada por valores sociais do grupo que a recebe. Além do fato de que o público tem um papel ativo na recepção da indústria cultural, podemos apontar também, como no caso da revista estudada, que as leitoras, de alguma forma, exercem uma influência no próprio conteúdo da revista.

A publicação estudada é uma revista feminina popular chamada *VivaMais!*, publicada pela editora Abril desde 1999. Trata-se de uma revista semanal com capa colorida e fotos de vários artistas famosos estampadas. No seu interior, as matérias versam sobre fofocas desses artistas, resumo de novelas, dicas sobre como ganhar dinheiro, beleza, sexo, saúde, relacionamentos afetivos e um folhetim seriado que fica sempre na última página.

Os leitores da revista podem ser considerados como pertencentes a segmentos mais populares. Segundo o *site* de publicidade da revista, 6% dos leitores pertencem à classe A, 33% à classe B e 45% à classe C. Embora, como bem aponta Nehring, tais classificações mercadológicas possam ser bastante vagas em termos de realmente definir um segmento socialⁱⁱ, podemos afirmar que é uma publicação voltada para segmentos de renda mais baixa. Além destas classificações mercadológicas do público, temos como indícios o preço - o preço da revista corresponde a aproximadamente um quarto do que custam outras revistas femininas da mesma editora, sendo, segundo a editora, voltada para as classes populares, enquanto as demais revistas são voltadas para as classes médias - e a proveniênciaⁱⁱⁱ das cartas dos leitores.

Quanto ao gênero, 82% dos leitores são do sexo feminino e 18% são do sexo masculino^{iv}. Quanto à idade dos leitores 29% pertence à faixa dos 10-17 anos, 20% à faixa dos 18 a 24 anos, 32% à faixa dos 25 a 39 anos, 11% à faixa dos 40 a 49 anos e 8% a faixa de 50 anos ou mais. A

venda por região do país é de 3% no Norte, 4% no Centro-Oeste, 15% no Sul, 14% no Nordeste e 60% no Sudeste. As vendas eram em média de 435.300 exemplares no primeiro semestre de 2000; já no primeiro semestre de 2002, estas correspondiam a 263 000. Esta queda nas vendas foi explicada por sua editora chefe como sendo decorrente de um aumento de 50% no valor do preço da revista. Quanto à venda por região, a Região Sudeste corresponde à maior vendagem, o que, segundo um gerente de publicidade da Ed. Abril entrevistado, é bastante comum para as publicações da Abril.

A revista foi lançada em outubro de 1999, no contexto de um aumento de publicações de preço baixo destinadas a um público de menor poder aquisitivo.^v Segundo reportagens do jornal *Gazeta Mercantil*, a partir do Plano Real implantado em 1994, houve um crescimento do mercado de publicações populares. À época do seu lançamento, o jornal *Gazeta Mercantil* fez uma série de reportagens sobre o crescimento do setor de revistas populares no Brasil. Numa das reportagens, é dito que o investimento em revistas populares correspondia a uma decisão de um dos diretores da Abril de abrir mão do investimento em tecnologia – TV a Cabo, etc – e investir mais no “coração da Abril” – as revistas – e, conseqüentemente, no setor de informação. Segundo a reportagem, a meta era investir em um setor do mercado que, tradicionalmente,^{vi} teria sido ignorado pelas editoras – as mulheres da classe C. Em uma pesquisa sobre leitores, a editora Abril constatou que 50% das leitoras de *Ana Maria* – revista que abrange um público similar a *VivaMais!* – não tinha antes o hábito de ler revistas.

A revista foi estudada na minha dissertação de mestrado onde o objetivo era o de analisar de que forma se confrontam no universo social desta, dois atores sociais distintos, seus produtores e suas leitoras. No presente artigo será enfatizado como se deu a apreensão de uma relação entre leitor e produtor e como esta influencia as representações de gênero presentes na revista.

O trabalho de campo se desenvolveu em três etapas: entrevistas com os produtores; análise de cartas de leitoras e análise de conteúdos dos números da revista publicados entre janeiro e outubro de 2002. Inicialmente, as entrevistas com os produtores foram feitas com o objetivo de perceber que tipo de imagem os produtores formam a respeito dos leitores e como estas imagens informam aquilo que eles escrevem. No entanto, fui descobrir o objeto, ou seja, a interação entre leitora e produtor, já no campo, porque foi a partir das entrevistas com os produtores que eu descobri haver uma intensa correspondência para a revista por parte das leitoras e o quanto as leitoras acerca dos quais os produtores se referiam eram as leitoras que mantinham contato com a redação através de cartas. Embora houvesse pesquisas de opinião feitas com leitoras e informações de jornalistas, a principal fonte citada de conhecimento a respeito dos leitores parecia advir das cartas, como aparece na fala da diretora de redação, ao se referir ao período inicial de publicação da revista.

Então, nesse começo em que chegou muita carta, muita coisa, todo mundo ficou lendo e tentando entender que linguagem que elas usam, que termos, se a gente estava usando os termos adequados, se era difícil,

como é que era a compreensão e também vendo um pouquinho o que elas queriam, qual que era o jeito dessa leitora, como é que era a família dela e tal; e aí, conforme a gente foi experimentando, a gente foi adaptando.

À medida em que chegam à redação, as cartas são encaminhadas aos responsáveis pelas diferentes seções da revista e são, depois de uma triagem, publicadas (muitas vezes com fotos dos leitores). Publicadas ou não, essas cartas, de algum modo, auxiliam os produtores na definição da pauta das seções da revista e, além disso, são muitas as páginas em que aparecem cartas de leitores. A responsável pelo atendimento ao leitor exerce uma mediação entre o leitor e os produtores. Participando da reunião de pauta, ela repassa algumas demandas das leitoras que aparecem nas cartas, comentando a respeito de determinados assuntos veiculados na revista que tiveram maior repercussão junto às leitoras. Desta forma, é possível perceber que as imagens de gênero constituídas na revista têm muito a ver com a forma como os produtores constroem o tipo “leitora”. Este tipo “leitora” é visto muitas vezes como distanciado dos produtores e até “exotizado”. Há a idéia de que a maior parte das leitoras seriam pobres, migrantes nordestinas nas grandes cidades ou, então, habitantes de cidades do interior e possuiriam valores conservadores e tradicionais. Apesar deste relativo distanciamento e até exotização com relação à figura da leitora, este último de alguma maneira também influía no conteúdo da revista, pois as cartas e as demandas das leitoras serviam de inspiração e de norteador para as demandas da revista. No entanto, se por um lado os produtores procuram situar as reportagens próximas ao que eles considerariam ser o gosto das leitoras, por outro lado há também um tom didático, quase civilizatório por parte dos produtores. Assim, no que tange tanto a esfera do trabalho abordada na revista quanto à esfera dos relacionamentos afetivos, podemos ver uma convivência de conceitos e conselhos mais modernizantes, que são passados à leitora junto com um imaginário tradicional. É importante frisar aqui que falar de um imaginário tradicional não implica em dizer que necessariamente isto corresponderia a um imaginário das leitoras, e sim a uma representação das leitoras construída pelos produtores.

O subtítulo da revista é *“Para a mulher que quer vencer”*. Um dos temas que mais aparecem, e cujas chamadas são sempre destacadas nas capas, é referente a formas de se ganhar dinheiro, embora não haja idéia de uma carreira, tal como aparece freqüentemente em revistas femininas voltadas para um público de maior poder aquisitivo. Neste caso, o auferimento de uma renda de maneira relativamente rápida, sem necessidade de um investimento educacional ou financeiro parece

ser a tônica. São as seções *Querer é poder* e *Você faz, vende e fatura* que trazem semanalmente novas sugestões para se ganhar dinheiro.

Cada uma destas seções ocupa duas páginas da revista e está em páginas consecutivas. Em ambas as seções, aparece o caso de alguém que tenha ganhado dinheiro produzindo artesanalmente algum produto para vender. Um dos textos conta como a pessoa teve a idéia de fabricar determinado produto, como começou a entrar no negócio e quanto lucra por mês. Aparece a foto desta pessoa sorridente, junto com os seus produtos ou fabricando-os. Tais textos apresentam uma narrativa na qual é relatada uma parte da vida da pessoa até o desenvolvimento da atividade. Em alguns casos, as atividades foram aprendidas com amigos ou parentes e sempre haviam constituído uma fonte de renda. Em outros casos, houve uma mudança de atividade econômica. Nestas situações, relata-se qual era a atividade anterior, e a descoberta da nova atividade aparece como algo que ocorre por acaso, muitas vezes após a vivência de algum período difícil, como a falência de um antigo negócio, o fim de um casamento ou o desemprego.

A maior parte das sugestões de produtos a serem fabricados refere-se a produtos artesanais ou de culinária.

Heilborn (1997), Duarte (1986), Salem (1981) e Sarti (1996) entre outros, já mostraram em que medida o trabalho e o prover a família são, nas representações populares, um encargo que cabe ao homem. Pretendo discutir aqui de que forma este trabalho feminino é apresentado na revista.

Na revista, aparece o incentivo a uma independência financeira ou ao auferimento de uma renda própria. No entanto, este estímulo à inserção no mercado de trabalho se dá fundamentalmente por meio de prendas domésticas. Tal inserção não implica uma ruptura com o mundo doméstico. Este pode estar presente seja no tipo de habilidade requerida para a fabricação de um determinado produto - o que parece ser o caso dos produtos alimentícios - seja no *locus* de fabricação, que pode ser domiciliar. Em alguns dos casos relatados, é colocada a importância da ajuda de membros da família para o desenvolvimento das atividades:

Para atender aos pedidos sem demora, ela conta com a ajuda de sua filha Carolina, o que garante também um salário mínimo para a adolescente. "Acho bom incentivar o trabalho para os jovens. Já estou ensinando todos os segredos de um bom negócio para ela", diz. (edição de 7 de junho de 2002)

Na análise que faz da tensão entre trabalho a domicílio e trabalho doméstico, Silva (1979) enfoca o caso da costura a domicílio; ele mostra como esta se encontra subordinada ao ritmo do trabalho doméstico e ao próprio ciclo de vida da mulher (que pode regular a quantidade de costura em função da vinda de um futuro bebê, por exemplo). Além disto, muitas vezes, à costura para os membros da família é dada maior prioridade do que à costura para fora. (Silva, 1979, 203-204). Assim, a possibilidade de conciliação entre o mundo doméstico e o trabalho está presente nas sugestões dadas pela revistas.

Nesse sentido, é possível comparar as possibilidades de inserção econômica apresentadas em *VivaMais!* com o que é relatado por Paiva e Durão (1998) a respeito do campo de atividades econômicas de professoras primárias após a sua aposentadoria do magistério:

No que diz respeito a estas últimas, trata-se de habilidades quase sempre manuais, aprendidas e atualizadas no âmbito doméstico e/ou durante o tempo livre da escola ou do trabalho, mas também de um determinado tipo de saber transmitido de geração a geração, como parte da tradição ou memória privada do grupo familiar. Foram resgatados, assim, conhecimentos e técnicas, em geral junto ao grupo de parentesco mais próximo, empregados na produção e venda informal de mercadorias e serviços – de receitas culinárias, passando por cuidados com a criação de animais, até formas de venda e cobrança acionados por antigos comerciantes da família. (Paiva e Durão, 1998: 63)

As seções da revista que tratam de relacionamento afetivo são as seções *Amor* que contém reportagens com dicas sobre como melhorar a vida afetivo-sexual e temas afins, *Transas e Emoções*, coluna de uma psicóloga que responde à cartas de leitoras relatando problemas sobre sexualidade e relações afetivas e *Entre Nós* é um folhetim seriado que em média dura seis edições da revista.

Neste artigo será privilegiada principalmente a análise dos folhetins seriados por considerar que as representações de gênero aí presentes são emblemáticas em relação às representações presentes na revista como um todo. A seguir apresento um resumo dos folhetins dos números da revista analisados.

História 1

Nada será como antes – Ana tem vinte e sete anos e é casada com um caminhoneiro gaúcho chamado Wander há cinco. Eles têm uma filha chamada Krika. Ela se considera feliz e bem casada com ele. Ele sofre um acidente de caminhão, porém, e falece. Ana vê a sua vida perder o sentido e fica muito deprimida. Ela tenta fazer um contato com o marido através de um médium de um centro espírita, mas não consegue. Um dia, muito desesperada, tenta se matar. É levada para o hospital por uma vizinha. Lá acorda de um coma e se lembra de um sonho que acabou de ter no qual o falecido marido lhe diz que a filha é a continuação do amor dos dois. A partir daí, recobra forças

para seguir a vida. Sua filha cresce e se forma em veterinária. Pouco tempo depois, esta se casa e tem um filho. Ana fica muito feliz com a chegada de um neto. Sua filha o chama de Wander, o mesmo nome de seu falecido pai. Ao saber do nome do neto, Ana se emociona e percebe que seu falecido marido está sempre com ela e nunca vai abandoná-la.

História 2

Assuntos de família – Marcelo e Alessandra são dois primos de primeiro grau que namoram escondidos quando adolescentes. O namoro deles acaba porque o pai do Marcelo é transferido de cidade pela empresa na qual trabalhava. Marcelo vai morar numa cidade distante. Dez anos depois, Alessandra se forma em Educação Física. É neste período que Marcelo e seus pais retornam à cidade. Marcelo e Alessandra se reencontram e se apaixonam novamente. Marcelo decide trancar a faculdade e permanecer na mesma cidade que Alessandra. Os dois voltam a namorar escondidos, mas, após algum tempo, resolvem assumir o namoro para a família. As duas famílias reagem mal pelo fato de eles serem primos. Apesar disto, os dois resolvem morar juntos, e começam a cogitar a possibilidade de terem um filho. Alessandra engravida. Sua principal preocupação é se o fato de ser prima do Marcelo levaria a uma possibilidade maior de ter um filho portador de alguma anomalia. Numa ida ao médico, Alessandra foi assegurada de que a probabilidade de ter um filho com alguma anomalia era só um pouco maior do que no caso de um casal que não fosse de primos. Mesmo assim, sua mãe chora ao saber que ela vai ter um filho com o primo. Quando o neném nasce, porém, as duas famílias ficam muito felizes e acham que o bebê é lindo.

História 3

Alice aprende a voar. Na sua festa de aniversário de comemoração de seus dezoito anos, Alice conhece Christian, um rapaz que é levado à festa pelos seus amigos. Alice é estudante colegial e Christian é mecânico e tem uma moto. Os dois começam a namorar. Quando sua mãe lhe pergunta se está namorando, ela mente e diz que não. Sua mãe respira aliviada, comentando que é melhor que ela se forme nos estudos, para depois pensar em formar uma família, pois ela própria havia passado por muitas dificuldades por ter sido mãe solteira. Christian deixa claro para Alice que quer transar com ela. Ela acaba levando-o em uma excursão escolar, durante a qual, apesar das camisinhas dadas pela sua melhor amiga, eles transam sem camisinha. Pouco tempo depois, ela se descobre grávida; o namorado não assume a paternidade e depois some. Seu filho nasce e ela o chama de Jonathan. Quando seu filho completa um ano, ela percebe que tem de trabalhar para sustentá-lo. Ela passa a trabalhar e volta a estudar, conseguindo se formar.

História 4

Cruz de Sangue – Márcia é filha de um pastor evangélico. Ela se interessa por Luciano, o baixista de uma banda religiosa que toca na igreja onde seu pai ministra cultos. Ela passa a olhá-lo e ele se aproxima para falar com ela. Passam a namorar escondidos de seu pai. Logo nas primeiras saídas, ele deixa claro que gostaria de transar com ela. Ela é menor de idade e é virgem, enquanto ele tem vinte dois anos, é um ex-drogado e tem um filho no Nordeste. Ela passa a se preocupar com o fato de que talvez já não devesse mais ser virgem nessa idade e que ele poderia transar com outra se ela não transasse com ele. Depois de algum tempo, ela vem a transar com ele e fica bastante feliz com isso. Os problemas começam quando sua mãe, ao olhar suas roupas íntimas, suspeita que ela já não seja mais virgem. Seu pai entra no seu quarto com um cinto e ameaça bater nela caso ela não diga a verdade. Ela acaba confessando que não é mais virgem. No culto da igreja seu pai fala para toda a congregação que sua filha não é mais uma alma inocente. Ele a expulsa de casa e expulsa Luciano da igreja; os dois não se vêem mais. Ela vai para a casa da sua madrinha, que a aconselha a fazer as pazes com seus pais. Márcia, então, volta para a casa deles. Apesar de não vê-lo mais, ela sonha em reencontrar Luciano.

História 5

Um Amor Diferente Flávia é vendedora numa loja e, junto com seu noivo, Paulo Roberto, está comprando o enxoval do seu casamento. Um dia, namorando perto de uma represa, dentro do carro do Paulo Roberto, os dois ouvem um grito de socorro. Salvam do afogamento uma mulher que havia sido jogada dentro da represa. Ao lhe tirarem as roupas molhadas, descobrem que se trata de um travesti. Levam-no para o hospital. Dias depois do incidente, Flávia ainda não consegue se esquecer da imagem do travesti. Descobre que este trabalha num salão e vai lá procurá-lo. O travesti, que se chama Tábata, lhe dá um vestido em agradecimento por ela ter ajudado a salvá-lo. Explica-lhe que ela fora jogada na represa por um ex-namorado que não havia aceito o término do relacionamento. Ocorre uma certa troca de olhares e gestos insinuantes e Flávia se deixa seduzir e transa com Tábata. Flávia acaba contando para o noivo, o qual já estava estranhando a sua distância, que está apaixonada por um travesti. Este fica furioso, ameaça bater nela e acaba rompendo a relação. Seus pais, quando ficam sabendo de tal relacionamento, também não o aceitam e o relacionamento com eles vai ficando insustentável. Tábata a chama para morar com ela de forma que Flávia possa evitar os conflitos dentro de casa. Após algum tempo, Flávia engravida de Tábata. Quando o neném nasce, os pais de Flávia acabam aceitando o relacionamento, pois ficam muito felizes de terem uma neta, Mimi.

História 6

Adeus Inocência Daiane mora com seus pais e seus seis irmãos em um recanto do sertão nordestino; sua família é muito pobre. Seu pai costuma beber e bater em sua mãe. Um dia, ele estupra sua irmã de treze anos. Algum tempo depois, ele resolve sair de casa e vai embora abandonando a família. A partir daí, as coisas vão ficando mais difíceis ainda. Daiane e seus irmãos começam a passar fome e sua irmã Jeanne, de cinco anos, morre. Ao ver a morte da irmã, Daiane resolve fazer alguma coisa. Ela sai de casa e vai andando a esmo até chegar numa estrada. Lá um motorista de caminhão lhe oferece doces e coloca-a na boléia onde ele a bulina. Ela passa a freqüentar a estrada todos os dias e começa a conseguir levar algum dinheiro para casa. Através de um dos motoristas de caminhão, cuja boléia freqüentou, descobre um posto de gasolina onde algumas meninas se prostituem e passa a se prostituir ali também. Até este momento, os motoristas apenas a bolinavam, mas não faziam sexo com ela. No posto, ela é procurada por um motorista que a estupra; ela desmaia e depois tem uma febre alta. Resolvendo fugir de casa de uma vez, pega carona em um caminhão e parte para Recife. Lá, após vagar por um dia sem rumo encontra uma mulher que explora algumas meninas. Ela passa a trabalhar para esta mulher e dorme em sua casa. De dia, ela trabalha vendendo balas e doces, de noite se prostitui. Numa determinada noite, ao terminar o expediente, vai molhar os pés no mar e acaba sendo violentada por uma gangue de rapazes. Voltando machucada para casa, é expulsa pela mulher para quem trabalhava. Ela vira mendiga e passa a cheirar cola, continuando a se prostituir por alguns trocados. Contrai doenças venéreas Em desespero, um dia entra numa igreja e começa a rezar. Lá desmaia e é levada para uma ONG de recuperação de menores. Permanece nesta ONG onde recebe apoio médico e psicológico. Mais tarde ela mesma se torna agente desta ONG e vai para as ruas buscar menores e levá-los para esta instituição.

•

Embora os folhetins não possam ser tratados como relatos de “nativos” das classes populares, uma vez que se trata de uma releitura e reelaboração de cartas de leitores, é possível estabelecer alguns paralelos entre estes folhetins e dois relatos autobiográficos (um diário e uma autobiografia) de mulheres de classes populares analisadas por Duarte (1987). Duarte, criticando a hipótese repressiva da sexualidade, coloca que esta não pode ser enfocada a partir de um ponto de vista universal. Nas classes dominantes, o valor da vivência da sexualidade é o do prazer e, portanto, deve-se temer não só este prazer, como todas as ameaças a este prazer (Foucault *apud* Duarte, 1987: 208); nas classes dominadas, a vivência da sexualidade estaria muito mais emaranhada em outros valores, não podendo ser vista de forma autônoma. Como coloca Duarte, “A fonte de

significação em uma tal configuração nunca poderia ser a sexualidade ou o sexo, enquanto endo-verdade; mas sim a moralidade ou exo-verdade.” (Duarte, 1987: 215).

Duarte mostra, a partir da análise de dois diários de mulheres das classes trabalhadoras como o prazer ou o não prazer estão submetidos às regras da necessidade de reprodução social. É, portanto, a forma de se gerenciar este prazer que é submetida a uma série de avaliações.

Vergonha, respeito e juízo são as medidas de avaliação das pessoas – avaliação de seu comprometimento maior ou menor de cumprir com as regras de uma reciprocidade social que é muito ampla, mas que encontra na relação homem/mulher seu palco fundamental, crítico, dramático – eventualmente trágico. (Duarte, 1987:221)

O primeiro elemento recorrente nos folhetins é o do homem que toma a iniciativa para que ocorra o encontro entre ele e o personagem feminino. Tal situação se dá nos folhetins *Cruz de Sangue*, *Alice Aprende a Voar*, e *Adeus Inocência*. Nos outros dois folhetins, *Assuntos de Família* e *Nada Será Como Antes*, não há menção de como começou o relacionamento, de forma que a única exceção seria *Um Amor Diferente*, onde a iniciativa é tomada pela mulher. A iniciativa quanto ao primeiro contato sexual definitivamente é do homem. Isto aparece em todos os folhetins, inclusive em *Um Amor Diferente*, com exceção, é claro, dos que não tratam do primeiro contato sexual. Como costuma ocorrer no primeiro passo para iniciar o relacionamento, a mulher pondera se cederá ou não a esta nova investida. Assim, em *Cruz de Sangue* e *Alice...* o personagem masculino deixa entender, por meio de gestos e atitudes, que quer iniciar o envolvimento sexual. Em contrapartida a esta iniciativa masculina, há a ponderação feminina. Estes dois movimentos aparecem nos seguintes trechos de *Alice*:

Um dia, apareceu com uma flor de hibisco. Dessas bem grandes e vermelhas. Achei tão romântico. Me senti a garota mais amada do universo. ‘Gostaria de ver você com ela no cabelo’, disse Christian. ‘Com a flor e nada mais!’. Entendi a indireta e tremi. Seria difícil segurar aquele fogo. Eu o desejava e sabia que podia me complicar. (edição de 8 de março de 2002)

Duarte (1987:222) comenta os sucessivos passos de tal encontro entre o homem e a mulher, que pode ou não levar à reprodução social. Reprodução esta que é desejada pela mulher - a possibilidade de compor “sua casa, sua família” e que pode ser perturbada ou não pelo homem.

A partir dos encontros entre as personagens femininas e as personagens masculinas, podemos observar os desdobramentos que ocorrem no enredo. Assim, vemos que, em *Alice...* e em

Cruz de Sangue, o envolvimento sexual provoca rupturas na possibilidade de reprodução social, com aquele determinado homem ao menos. Em *Alice...* tal ruptura se dá pela recusa do namorado em assumir a paternidade de seu filho, e conseqüente sumiço desse. Em *Cruz de Sangue* pode-se observar o ideal da reprodução social mesmo quando esta não se dá:

Gostaria que minha história, assim como tantas outras, tivesse um final feliz. Adoraria poder terminá-la dizendo que eu e Luciano reatamos e que hoje moramos numa casinha linda no alto da serra, rodeada de filhos. (edição de 22 de fevereiro de 2002)

Neste folhetim, *Cruz de Sangue*, a ruptura é causada pelo desagrado que causou à família de Márcia o fato de ela não ser mais virgem. Nos casos dos folhetins *Um Amor Diferente* e *Assuntos de Família* é a reprodução biológica, contida na reprodução social, que restaura as boas relações familiares após o desagrado inicial que estas tiveram com o relacionamento sexual dos namorados.

Assim, em *Assuntos de Família*, a família dos primos Marcelo e Alessandra é contra o namoro dos dois justamente pelo fato de serem primos em primeiro grau. No entanto, ambos têm consciência de que, ao terem um filho, apaziguariam as famílias:

Sabia que uma criança, além de nos encher de alegria, poderia trazer de volta a harmonia de nossas famílias. Quem iria resistir a um bebezinho bem bochechudo? Vendo a carinha do neto, com certeza meus pais e tios esqueceriam de vez a implicância contra o nosso amor". (edição de 3 de maio de 2002)

O mesmo ocorre em *Um Amor Diferente*, no qual Flávia rompe o seu noivado com Paulo Roberto para viver com um travesti, Tábata. Seus pais não aceitam tal movimento, mas a família é novamente reunida com o nascimento da filha de Tábata e Flávia:

Só um neto para amolecer o coração de papai. Um dia, ele nos ligou convidando para um de seus tradicionais churrascos. Foi o primeiro de muitos. Hoje as coisas mudaram e já não temos mais tanta atenção deles. Mimi, uma menina sardenta de três anos toma todo o tempo dos avós. (*VivaMais!*,23/08/2002)

No folhetim *Nada Será como Antes*, o nascimento de um bebê também parece ter este mesmo significado redentor de reforço das alianças familiares. É com a percepção de que sua filha

seria a continuação de sua união com seu falecido marido que Ana consegue superar o trauma da morte. Depois, com o nascimento de seu neto, e o fato de sua filha nomeá-lo Wander – nome de seu falecido marido – Ana diz entender o significado do ciclo da vida e compreender que o amor de seu marido sempre iria estar junto dela.

A história de Daiane, a menina que se prostitui em *Adeus Inocência*, é que aparenta ter os traços mais dramáticos de todas. Nesta, percebemos ser o personagem do pai - que bebe, bate na esposa e assedia uma das filhas - o elemento disruptor da reprodução social. Como coloca Duarte, o valor ambivalente que carrega a figura do homem para as mulheres das classes populares é algo sempre presente. Neste jogo de reciprocidades entre homem e mulher, necessário para o encadeamento da reprodução social, é o homem sobretudo que pode turvar a reciprocidade conjugal. Três são os caminhos:

O primeiro é o do não-trabalho, freqüentemente acompanhado da bebida e que ameaça de maneira direta a reprodução doméstica. O segundo é o da pancada ou dos maus tratos em geral, que pode até ser suportado longamente desde que não se conjugue a uma das duas outras perturbações. O terceiro é o do “ter outras mulheres” – possibilidade muito regular nesses grupos, mas que deve se manter nos limites da reprodução (não afetar o sustento da primeira família) ou da vergonha (não ser ostensivo, demasiadamente próximo ou público). (Duarte, 1987:222)

Podemos pensar, então, que, a partir da ruptura da possibilidade de reprodução social da família de Daiane, ocorre uma série de desgraças – enquanto ela tenta de alguma forma manter a reprodução social de sua família e, depois, de si própria.

Mas se aparecem por um lado esses ideais de constituição de família e casamento, por outro parece haver por parte dos produtores uma preocupação didática de introduzir elementos que poderiam ser vistos como modernos; um destes valores é a preocupação que tanto o editor, quanto a diretora de redação expressaram: a de não criar na revista a figura da mulher submissa ao homem, ou que não possa ser feliz sem um homem ao lado:

A gente tem uma preocupação de quando fala, falar com a mulher. Eu acho que obviamente ela quer agradar ao seu homem, a intenção é ‘quero ter uma relação melhor com o meu homem’; a linguagem que a gente usa aqui é falar com ela, pra ela, e não pro marido. Às vezes, a gente faz uma matéria de uma massagem e a gente sempre fala ‘faça nele e depois peça para ele fazer em você depois’; a gente até pode estar sendo mal interpretado, a gente nunca sabe como as pessoas recebem

o que a gente faz; mas, em nenhum momento, a idéia é de transformar a mulher em submissa, nem em gueixa, nada nesse estilo. A gente está tentando dar dicas de como ela pode melhorar o relacionamento dela com o marido, ou de como ter um relacionamento legal, nunca o foco é 'agrada a seu homem'; sempre que a gente faz uma matéria, o foco é 'o que que agrada a você? Tente se conhecer mais, tente falar mais de suas preferências, tente buscar as coisas que agradam a você'. (entrevista com a diretora de redação)

Assim, a menção ao uso ou não do preservativo aparece em todos os folhetins, com exceção de *Nada Será como Antes* (em que se trata de uma situação de viuvez na qual não ocorrem mais relações sexuais) .

Em *Alice Aprende a Voar*, no qual o personagem Alice engravida do namorado, o fato de ela não ter usado o preservativo é explicitado, além de também ter sido explicitado o fato de que uma colega da escola havia contraído Aids por não ter usado o preservativo.

Em *Um Amor Diferente* e *Assuntos de Família* o uso do preservativo pelas personagens também é explicitado. Nos dois últimos folhetins é evidenciado também, como segue nos trechos abaixo, a realização de um teste de Aids como condição prévia para o abandono do uso do preservativo:

Com o tempo, firmamos um pacto e decidimos fazer um teste de HIV. Foram alguns dias de tensão. "Deus está conosco", murmurou meu amor ao abrimos o resultado negativo. (edição de 23 de agosto 2002)

Decididos, resolvemos fazer teste de HIV e depois abandonar a camisinha. (edição de 3 de maio de 2002)

O folhetim *Um Amor Diferente* também contém elementos modernizantes ao mostrar o relacionamento de uma mulher com um travesti. Assim, há uma tentativa de apresentar à leitora a existência de novos arranjos conjugais.

Se nos folhetins há um amálgama de elementos moralizantes com outros mais didáticos que apresentam inclusive valores modernos de cunho individualista, na coluna *Transas e Emoções*, na qual uma psicóloga responde a cartas de problemas de leitoras, o questionamento de valores tradicionais e moralizantes aparece de forma mais unívoca. A uma leitora aflita por ter desmanchado o noivado e não ser mais virgem, a psicóloga sugere que ela venha a rever as suas crenças a respeito da importância da virgindade para a construção de uma outra relação afetiva. Visões moralizantes sobre a sexualidade são alvo de questionamento:

Isso, em geral, acontece com quem recebeu educação rígida e aprendeu a considerar os impulsos sexuais como perigosos ou como pecado... (*VivaMais!*, edição de 3 de maio de 2002)

Nota-se, também, nas respostas da psicóloga, a ênfase na idéia de possibilidade de escolhas individuais:

Não existe sina e sim opção. Mude seu modo de agir e procure uma relação que valha a pena. (*VivaMais!*, edição de 2 de agosto de 2002)

O próprio tipo de recepção que as leitoras possam vir a ter da mídia é colocado em pauta:

Tente não se comparar com atrizes e modelos. A maioria das pessoas não é como elas e vive feliz. (*VivaMais!*, edição de 26 de julho de 2002)

Tanto no que se refere a formas de inserção feminina no mercado de trabalho quanto a imagens de relações homem/mulher podemos observar como aparecem aí representações de gênero que podem estar relacionadas a valores tradicionais e conservadores. No que se refere ao trabalho há a preponderância de uma domesticidade feminina no tocante ao trabalho; a mulher exerceria seu trabalho remunerado em ambiente doméstico, utilizando habilidades de cunho doméstico como a culinária e a costura. Quanto a imagens veiculadas a respeito de relações afetivas pode-se destacar a partir dos folhetins analisados a reprodução de valores tradicionais como a ênfase à constituição de uma família, a importância maior que este projeto teria para a mulher do que para o homem em contraste com a esfera da sexualidade no qual este seria sempre o mais interessado em iniciar um contato deste tipo.

Pode-se perceber, portanto, como esta apropriação por parte dos produtores das cartas das leitoras cria por um lado imagens de gênero mais tradicionais, imagens estas que correspondem a representação que os produtores têm das leitoras. Esta imagem não exclui por outro lado que estes apresentem uma preocupação didática ou até mesmo “civilizatória” de ensinar a mulher meios de ganhar uma autonomia financeira, não ser submissa ao homem e refletir sobre escolhas individuais, criando de alguma forma uma imagem de mulher mais relacionadas a valores individualizantes. Nesse sentido, os papéis de gênero constituídos na revista podem ser bastante distintos daqueles idealmente tidos como tradicionais. Enquanto nas representações tradicionais, a figura feminina estaria subordinada a uma série de reciprocidades familiares e domésticas, alguns traços de ideologia feminista, de uma expectativa de paridade nas relações entre os gêneros, aparecem na revista. Isto se dá através de uma preocupação em apresentar à leitora uma série de preceitos que dizem respeito a uma ênfase em valores como o de uma autonomização da mulher e, em alguns momentos, ao estímulo à constituição de um projeto. É desta maneira que sugerimos que ainda que fique claro que essa utilização do material advindo das leitoras tenha sido pautada pelos valores dos produtores e da ressignificação que estes faziam deste material e também pela linha editorial da revista, pode-se dizer

que, em alguma medida, as representações sociais veiculadas na revista se faziam na interação entre leitor e produtor.

Bibliografia

BAZANESSI, Carla. 1996. *Virando as páginas, revendo as mulheres. Revistas femininas e relações homem-mulher, 1945 –1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BOCCHINI, Maria Otilia. 2000. “Valores Conservadores em *Ana Maria e VivaMais!*” In: **FARIA**, Nalu e **SILVEIRA**, Maria Lucia.(orgs.), *Mulheres, Corpo e Saúde*. (Coleção Cadernos SempreViva), SempreViva Organização Feminista.

BOURDIEU, Pierre et alii. 1965. *Un art moyen – essai sur les usages sociaux de la photographie*, Paris, Minuit.

BOSI, Ecléia. 1986. *Cultura de Massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis, Vozes.

BUITONI, Dulcília H.S. 1986. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática

CASTRO, Ana Lúcia de. 1994. *Revistas femininas: aspectos históricos, produção e usos sociais*. Dissertação de mestrado. São Paulo:PUC.

CHARTIER, Roger. 1993. “Du livre au lire” In: **CHATIER**, Roger (org.), *Pratiques de la lecture*; Paris, Editions Payot & Rivages

COUTINHO, Mônica. 1993. Telenovela e texto cultural: análise antropológica de um gênero em construção, Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. (Dissertação de Mestrado)

DUARTE, Luiz Fernando Dias. 1986. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,

-----1987 “Pouca Vergonha, Muita Vergonha: Sexo e Moralidade entre as classes trabalhadoras Urbanas” In: LOPES, José Sérgio Leite (Org.) *Cultura e Identidade Operária:Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*. UFRJ Museu Nacional, Marco Zero Proed.

DUARTE, Luiz Fernando Dias e **ROPA**, Daniela. 1985 “Considerações teóricas sobre a questão do atendimento às classes trabalhadoras” In: SERVULO A. Figueira, *Cultura da Psicanálise*, Brasiliense

DURÃO, Anna Violeta e **PAIVA**, Elisabeth. 1998. “A escola como centro de redes de atividades informais.” In: *Contemporaneidade e Educação: revista semestral de Ciências Sociais e Educação*. Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC) AnOIII, no4, Rio de Janeiro

FIGUEIRA, Mariza Tavares, 1984, *Revistas femininas: realidade e mito*; Rio de Janeiro, ECO/ UFRJ (dissertação de mestrado)

GOMES, Laura Graziela Figueiredo Fernandes. 1991. *Novela e sociedade no Brasil*. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. (Dissertação de mestrado)

HEILBORN, Luiza 1997. “O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio...” in: MADEIRA, F.C (org.) *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro, Récord/ Rosa dos tempos.

HOGGART, Richard. 1975. *As utilizações da Cultura*. Lisboa, Editorial Presença.

LEAL, Ondina Fachel 1986. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes.

ORTIZ, Renato 1986, “A Escola de Frankfurt e a questão da Cultura” in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Anpocs, número 1, junho

POLIERO, Wilson, *Quando o amor vira ficção*. In: *Antropolítica: revista contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. Niterói: Eduff, 1997

PIRES, André, 1998, *Velhos em Revista: Envelhecimento e Velhice nas Páginas de Cláudia e Playboy (anos 80 e 90)*, Unicamp, (dissertação de mestrado)

PRADO, Rosane Manhães, 1987. *Mulher de Novela e Mulher de Verdade: estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela*. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. (Dissertação de Mestrado)

SANTOS, Tania Coelho, 1987, “de Dona Letícia a Carmen da Silva” in: **FIGUEIRA**, Sérulo (org.), *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar

SARTI, Cynthia. 1996. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Editora Autores Associados, São Paulo.

SARTI, Cynthia e **MORAES**, Maria Quartim de, 1980. “Aí a porca torce o rabo” in: Maria Cristina **BRUSCHINI** e Rosemberg, **FÜLVIA**(orgs.), *Vivência – História, sexualidade e imagens femininas*, Brasiliense,

SILVA, Carlos Eduardo Lins da, 1985 *Muito além do Jardim Botânico*; São Paulo: Summus.

SILVA, Luís Antônio Machado da, 1979 “A oposição entre trabalho doméstico e trabalho feminino remunerado.” In: LOPES, José Sergio e allii; *Mudança Social no Nordeste – a reprodução da subordinação.*, Rio de Janeiro : Paz e Terra

THEODOR, Adorno, 1978, “A indústria Cultural” In: COHN, Gabriel; *Comunicação e Indústria Cultural*, São Paulo, Companhia Editora Nacional

VAITSMAN, Jeni, 1997“Pluralidade de Mundos entre Mulheres Urbanas de Baixa Renda” in: *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, vol.5/n.2/

VELHO, Gilberto, 1986.*Subjetividade e Sociedade – uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,

----- 1987. *Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2ª edição

VELHO, Gilberto e **VIVEIROS** de Castro, E.B. 1978. “O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica”. In: *Artefato*, Jornal da Cultura do Estado do Rio de Janeiro,

Notas

ⁱ Ver. Castro, Ana Lúcia de, 1994. ; Coutinho, Mônica, 1993 ; Poliero, Wilson, 1997;Gomes, Laura Graziela, 1991; Leal, Ondina Fachel, 1986;Prado, Rosane Manhães, 1987.

ⁱⁱ Nehring aponta para a precariedade do critério definidor de classes sócio-econômicas utilizadas pelos anunciantes. “E o critério dominante é dado pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA), que estabelece a classificação sócio-econômica dos entrevistados segundo uma escala de pontos dados: (a) à escolaridade do chefe da casa (o primário valendo 1 ponto e o superior completo 8 pontos) e (b) a itens de conforto familiar (televisão, carro, etc) (...) A aquisição ou não de um aparelho de TV pode levar o entrevistado que dormiu na classe B a acordar na A e vice-versa. Sem se dizer que as pesquisas realizadas pela Marplan cobrem exclusivamente as sete principais capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador e Recife). O Brasil-Leitor, nesta medida, termina por ser deduzido da “composição sócio-econômica das 7 principais capitais brasileiras” (Nehring, 1981:114)

ⁱⁱⁱ De fato, grande número de cartas provêm de regiões periféricas dos grandes centros como, por exemplo, a Baixada Fluminense e São Gonçalo no estado do Rio de Janeiro.

^{iv} Em algumas passagens deste trabalho, refiro-me a leitoras, considerando o fato de que a revista não é lida apenas por mulheres; no entanto, em outras, refiro-me a leitoras; isto se dá quando se trata de falar sobre representações de gênero no interior da revista, ou quando se trata de analisar o discurso dos produtores, que se referiam a “leitoras” e não “leitores”.

^v Como mostra reportagem do jornal *Gazeta Mercantil*: “Nos últimos dez meses, o segmento de revistas populares, que tem preço de capa entre R\$ 1,40 e R\$1,90, cresceu 70% em circulação e responde atualmente por uma receita de quase R\$3 milhões mensais. (...) Hoje cinco editoras, com 13 títulos, disputam o público classe “c”, que consome 1,7 milhão de exemplares por mês – até agosto do ano passado, apenas a Abril e a Alto Astral exploravam este mercado, somando cinco títulos publicados. Com a entrada da Ediouro, Símbolo e Escala, o segmento popular deve fechar uma venda de 21 milhões de exemplares em 1999, e uma receita aproximada de R\$35 milhões em circulação.” (Jornal *Gazeta Mercantil*, 22/07/1999)

^{vi} Embora tanto os produtores quanto a reportagem da *Gazeta Mercantil* tenham enfatizado a novidade de uma publicação dirigida às mulheres de baixa renda, este dado merece ser relativizado. Em sua tese sobre revistas femininas e feminismo, Nehring fala das revistas de fotonovelas como revistas feitas para e consumidas por mulheres das classes populares. A primeira revista de fotonovela no Brasil foi publicada em 1947, de forma que se pode dizer que as publicações dirigidas às classes mais populares não constituem tanta novidade assim. (Nehring, 1981:93-5). Também já existiam há algum tempo as revistas de fofocas de artistas mais dirigidas às classes populares. (Mira, 2001:204). De qualquer forma, talvez mais importante do que discutir a veracidade ou não do fato das publicações populares constituírem uma novidade, seja perceber por que em tal momento se faz presente, por parte dos produtores e da editora, tal representação.